

Firmin, Patrocínio e Barbosa: pensamento negro e politizações da raça em tempos de defesa da liberdade

Ana Flávia Magalhães Pinto*

Na segunda metade do Oitocentos, o desmonte final do sistema que escravizou, legal e ilegalmente, milhões de africanos e seus descendentes por séculos nas Américas exigiu bastante empenho dos sujeitos envolvidos, aproximando até mesmo indivíduos e grupos com interesses opostos. Nesse cenário cheio de conflitos e antagonismos, não surpreende, portanto, que tamanha mobilização tenha se feito carente de um intransigente consenso acerca do reconhecimento da humanidade e da defesa dos plenos direitos de cidadania para homens e mulheres negros libertos e nascidos livres nessas sociedades fundadas na escravidão e na hierarquização racializada de suas populações. Em vez disso, o que se viu foi o avanço da difusão de teorias raciais que serviram para justificar a contínua dissociação de tais pessoas e outros grupos humanos do que era defendido como direito fundamental desde a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. Isso, no entanto, não dá conta de toda a produção intelectual da época. Vários foram os pensadores negros que – imersos nesse cenário profundamente hostil, embora tantas vezes negado – desenvolveram contrapontos ao defendido sobretudo entre os círculos das elites brancas de seus respectivos países acerca das ideias de humanidade, raça, nação e cidadania. Mesmo com frequência desconhecendo a existência uns dos outros, esses intelectuais negros formularam leituras que nos convidam a refletir sobre os significados de suas experiências em perspectiva transnacional, sobretudo no diz respeito às expectativas e possibilidades do pós-abolição no continente americano e da reorganização do jogo colonial no mundo atlântico. Neste contexto, é possível (ou não) pensar em uma especificidade afro-latina? Com base nestas questões, esta comunicação busca refletir sobre as proximidades e diferenças entre o pensamento de três intelectuais negros em diferentes espaços escravistas de colonização católica que, cada um a seu modo, desenvolveram estratégias de politização da raça nas últimas décadas do século XIX e início do XX, a saber: Joseph-Antenor Firmin (Haiti, 1850-1911), José do Patrocínio (Brasil, 1853-1905) e José Celso Barbosa (Porto Rico, 1857-1921).